

REVISTA  
**FILOSÓFICA**  
DE  
COIMBRA

vol. 25 - número 49 - março 2016

vol. 25 - número 49 - março 2016

Fundação Eng. António de Almeida



Versão integral disponível em [digitalis.uc.pt](http://digitalis.uc.pt)

# MICHEL HENRY E A NOÇÃO DE ARTE

MICHEL HENRY AND THE NOTION OF ART

JOSÉ MANUEL HELENO\*

**Resumo:** Ao iniciarmos a nossa reflexão sobre a noção de representação/abstração na obra de arte temos o intuito de mostrar a posição de Michel Henry sobre esta perspectiva. De facto, é no contexto de uma reflexão sobre a obra teórica e pictórica de Kandinsky que Michel Henry defende a arte como sendo a expressão de um sujeito, ou antes, da própria vida. A relação íntima entre arte e fenomenologia, expressão do enigma da vida em si mesma, é um dos temas fundamentais da filosofia henryana.

**Palavras-Chave:** arte; abstração; afeto; belo; encarnação; fenomenologia; imanência; invisível; representação; sensibilidade; vida.

**Abstract:** Our aim is to think about representation/abstraction in the work of art, particularly de position of Michel Henry about Kandinsky. The close relation between art and phenomenology shows art as the expression of one subject, this is, life in itself. The greatest riddle of Henry's philosophy is life, precisely what is visible in art.

**Keywords:** art; abstraction; affection; beautiful; incarnation; phenomenology; immanence; invisible; representation; sensibility; life.

**Résumé:** On examine la notion de représentation/abstraction dans l'œuvre d'art, particulièrement la position de Michel Henry sur le sujet. Effectivement, c'est dans le contexte d'une réflexion sur la peinture et l'œuvre théorique de Kandinsky que Michel Henry a défendu l'art comme l'expression d'un sujet, c'est-à-dire, de la vie elle-même. La relation intime entre l'art et la phénoménologie, qui exprime l'énigme de la vie, c'est un topique fondamentale de la philosophie d'Henry, la façon de comprendre les phénomènes du monde à partir de l'auto-affection, essence de l'affectivité

**Mots-clefs:** art, abstraction, affection, beau, incarnation, phénoménologie, imanence, invisible, représentation, sensibilité, vie.

---

\* Investigador no Centro de Estudos de Filosofia - Faculdade Católica de Lisboa; [jmmheleno@gmail.com](mailto:jmmheleno@gmail.com)

“O artista verdadeiro é um foco dinamogéneo; o artista falso ou aristotélico é um mero aparelho transformador, destinado apenas a converter a corrente contínua da sua própria sensibilidade na corrente alterna da inteligência alheia.”

Álvaro de Campos, *Apontamentos para uma estética não aristotélica* (1925).

## 1. Representação e abstração

A “passagem” da arte figurativa à abstrata não é compreensível se não interrogarmos o que se entende por representação. Desde os primórdios do pensamento filosófico grego que a noção de representação foi entendida como *mimesis*, algo que permitia imitar a realidade ao criar um simulacro. Há, neste sentido, uma necessidade de repensar conjuntamente história, arte e filosofia, o que equivale a dizer que é necessário pensar a génese e a função da representação, o estatuto que assumiu na arte e a forma como foi associada à noção de verdade e adquiriu uma importância capital no pensamento filosófico. Ora, que se passou quando se começou a desacreditar e a destroçar a *mimesis* do papel que assumiu séculos a fio? Que alterações históricas, artísticas e filosóficas possibilitaram a passagem para uma arte, como a do século vinte, que defende a ausência de representação? Até na filosofia se abandonou a dependência endémica da noção de verdade à noção de representação?<sup>1</sup>

Mas será que conseguimos livrar-nos das noções de imitação, figuração ou representação? Platão, ao criticar a noção de *mimesis*, não o fez de forma descuidada, antes levou a cabo uma reflexão que apresenta várias perspetivas. Assim, se considera que a arte é uma *cópia de uma cópia* e deve, por isso, ser rejeitada, noutras reflexões considerou que estamos condenados a imitar qualquer coisa que não conhecemos: “imitamos uma ausência e não uma presença”<sup>2</sup>. Há até uma expressão soberba de Platão que considera a filosofia como a tragédia suprema, pois a sua função é a de imitar a vida (como também o dirá algures Michel Henry).

Se pensarmos que a representação acaba por dignificar o representado, o mundo, precisamente, compreendemos a perseverança e o sucesso da arte figurativa. É que para alguns o mundo tem uma riqueza ontológica inigualável – a ponto de apenas ele ser “belo” –, de forma que aquilo que o representa esforça-se por devolver ao espetador essa beleza suprema. E compreende-se ainda que a arte, ao ser uma forma privilegiada de relacionar o mundo e a imagem, tenta aproximar-se do primeiro e dar uma imagem fiel dele. Assim,

<sup>1</sup> Que nos seja permitido remeter o leitor para o nosso texto “Por que não espirrar?”. Em *O lugar da utopia* (Lisboa: Fim de Século Editores, 2000), 53-58.

<sup>2</sup> Cf. France Farago, *A arte* (Porto: Porto Editora, 2002), 34.